

Escrever sobre Manolo Florentino não é simples. O público de uma revista acadêmica, leia-se, professores e pesquisadores, já o conhece por uma questão de ofício. Manolo é um dos poucos da sua geração que mudou os rumos da historiografia brasileira e do Atlântico Sul da virada do século XVIII para o XIX. Suas publicações sobre o tráfico atlântico de escravos, concordando ou não com elas, são incontornáveis para qualquer profissional da área. Entretanto, o mesmo público talvez saiba menos da sua importância como gestor acadêmico e formador de africanistas. O texto a seguir trata desses assuntos.

Manolo integrou o Conselho Editorial de *Topoi*, entre 2001 e 2003, e o Comitê Editorial da revista, entre 2004 e 2006. Em 2005 e 2006, foi vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na época, capitaneado por Carlos Fico. Nessa gestão, o PPGHIS passou a integrar o grupo de excelência das pós-graduações. Na avaliação da CAPES de 2007, o Programa obteve nota 6, e sua revista institucional, *Topoi*, alcançou o financiamento do CNPq. Nos dois biênios seguintes, o PPGHIS foi coordenado por Manolo. Por insistência dele, a *Topoi* deixou de veicular impressa para tornar-se digital. Com isso, por meio da internet, atingiu um público universitário maior que teve a oportunidade de conhecê-la. Da mesma forma, tal iniciativa influenciou outras publicações acadêmicas, guardiãs do formato impresso custoso e elitista, a atentarem mais para a sociedade, levando-as a aderir à popular internet.

Ainda entre 2006 e 2010, as práticas de colaboração do PPGHIS com outros centros de pesquisa internacionais foram estreitadas. Disso resultou, por exemplo, a contínua colaboração com o projeto “The Trans-Atlantic Slave Trade (A Data Base on CD-Rom) - Etapa Brasileira”, vinculado às Universidades de Emory (EUA) e Hull (Inglaterra), e coordenado por David Eltis (Emory) e David Richardson (Hull). Os resultados dessa empreitada podem ser consultados no endereço [www.slavevoyages.org](http://www.slavevoyages.org). Na mesma gestão, a área de estudos do *Atlântico escravista e das geografias da*

---

<sup>1</sup> Agradeço os depoimentos de Monica Lima, Carlos Fico e Mariana Candido.

\* Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto de História, Rio de Janeiro / RJ – Brasil.  
E-mail: [j.l.fragoso@uol.com.br](mailto:j.l.fragoso@uol.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3293-4839>

*Monarquia pluricontinental lusa entre os séculos XVII e XIX* passou a ouvir mais o português, além do inglês.

Somada à participação no **Slavevoyages**, temos os contatos do PPGHIS com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, que resultou no intercâmbio de professores e investigadores entre as duas instituições. Da mesma forma, foi inaugurada a boa prática de ter docentes internacionais, referências nas suas áreas de trabalho, oferecendo cursos semestrais na grade curricular do PPGHIS. Ao mesmo tempo, o PPGHIS foi responsável pela colaboração estabelecida entre a UFRJ e a Universidade Eduardo Mondlane (Maputo – Moçambique), resultando em uma missão de trabalho, custeada pelo CNPq e chefiada por Manolo Florentino, àquela universidade do Índico.

No *front* interno, Manolo, naqueles biênios, incentivou que as teses e dissertações fossem entregues em formato digital para a criação de um repositório *on-line*. Com isso, possibilitou à sociedade conhecer os trabalhos acadêmicos que custeia.

Como africanista, Manolo incentivou, a partir dos meios ao seu alcance, a formação da dita área no Brasil. Isso por meio da docência em sala de aula e nas plenárias de discussão de reforma curricular do então Departamento de História. Nunca é demais lembrar que, apesar da área de História da África ter sido formalizada em 2010 na UFRJ, as propostas para a sua institucionalização datam de meados da década de 1990.

Como formador de pesquisadores africanistas não há como deixar de mencionar que alguns dos nomes que hoje compõem parte da bibliografia internacional foram orientandos de Manolo na graduação e/ou na pós-graduação na UFRJ. Esse é o caso de Roquinaldo Ferreira, aluno de graduação e de mestrado de Manolo, atualmente Henry Charles Lea Professor of History, University of Pennsylvania, tendo ocupado antes a cátedra Vasco da Gama, Associate Professor of History and Portuguese and Brazilian Studies, da Brown University. Da mesma forma, Daniel Domingues da Silva, professor associado de História Africana na Rice University (Houston-Texas) e um dos atuais coordenadores do *Voyages: The Trans-Atlantic Slave Trade Database*, teve a monografia de bacharelado orientada por Manolo e, ainda na graduação, atuou sob sua supervisão na pesquisa brasileira do **Slavevoyages**. A partir de tal experiência, cursou o mestrado e doutorado em Emory sob a orientação de David Eltis. Outro graduando que participou do **Slavevoyages** foi Alexandre Vieira. Alexandre fez mestrado e doutorado na UFRJ, com pesquisas sobre tráfico atlântico de cativos para a Bahia sob a direção de Manolo, sendo que o final do doutorado de Vieira foi sob a supervisão de Antônio Carlos Jucá de

Sampaio. Mais adiante, tornou-se professor de África na Universidade Federal Fluminense; infelizmente, faleceu no início da carreira docente.

Além desses profissionais, Manolo contribuiu para a carreira acadêmica de outros africanistas, como Monica Lima e Mariana Cândido. Ambas tiveram em Manolo importante aporte para suas passagens pelo mestrado em África em El Colégio de México. Monica Lima é hoje professora de História da África da UFRJ e umas das principais responsáveis pela consolidação da área no Instituto de História. Quanto a Mariana Cândido, depois do México, doutorou-se em História da África, Universidade de York, Canadá, em 2006. Atualmente é professora associada em Emory e uma das responsáveis pelo *Oxford Research Encyclopedia of African Slavery, the Slave Trade, and the Diaspora*.

Quanto à participação de Manolo Florentino na carreira de pesquisadores em História do Brasil Colonial, entendido como parte da Monarquia lusa e, portanto, com estreitos vínculos com Angola, incluímos Roberto Guedes, autor do primeiro artigo deste número de *Topoi*. Devemos, assim, ao profissionalismo e à generosidade de Manolo, sob diferentes aspectos, parte da nossa historiografia profissional. Aliás, salvo engano, não tanto por sua simpatia e afabilidade de seu caráter, mas pensando em sua importância para nossa historiografia profissional e na memória do PPGHIS é que o Conselho Editorial de *Topoi* decidiu dedicar um de próximos dossiês temáticos às áreas de conhecimento às quais Manolo dedicou a vida.

Ao se aposentar, tinha todos os méritos acadêmicos para ser alçado pelo Instituto de História à condição de Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Janeiro, porém, por ter se retirado da Universidade antes de ser promovido a professor titular, isso não ocorreu. Ao se aposentar, segundo me contaram, pediu apenas para rezarem uma missa.

Termino este editorial com o humor peculiar que Manolo tanto prezava, lembrando que ele próprio gostava de sublinhar, depois de uma longa gargalhada, que não era um doce-de-coco. Dificilmente ele ou eu seríamos escolhidos como *Miss Simpatia*. Ainda bem!